



## Gêneses e temática do ciclo *Port-Wine* de Alves Redol

Lucien Diouf<sup>1</sup>  
(Universidade Paul Valéry – Montpellier)

*Só um propósito me dá alento – o de fazer  
um romance que seja entre os meus livros o que o  
Douro é entre os vinhos : um romance generoso*<sup>2</sup>.

A trilogia *Horizonte Cerrado*, 1949 ; *Os Homens e As Sombras*, 1951 ; *Vindima de Sangue*, 1953, compõe o ciclo *Port-Wine* de Alves Redol (1911-1969), pioneiro do Neo-Realismo português e um dos maiores romancistas da sua geração e da literatura portuguesa. Tais romances, dedicados ao povo e às façanhas dos vinhateiros da região do Alto Douro, constituem o corpus literário da nossa análise crítica. Quais são os métodos de criação que Alves Redol utiliza para expressar a sua visão dessa região vitícola e da sua gente ? Esta pergunta aberta e central nos permitirá evidenciar a originalidade do autor de *Gaibéus*, a singularidade da sua criação romanesca e a comunhão entre a realidade social e o discurso ideológico dentro da sua obra.

O ciclo *Port-Wine* põe em ficção o mundo rural do Alto Douro entre 1907 e 1915. Alves Redol, através da sua escrita, nos permite visitar esta história. O seu discurso romanesco envolve eventos e personagens que se confundem com a realidade de um tempo

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade Paul Valéry – Montpellier. Lucien Diouf é um dos especialistas da obra do escritor português neo-realista Alves Redol. Tem mestrado na França, em Estudos Românicos (2003) e em Ciências da Informação e da Comunicação (2004). Doutorou-se em Estudos Românicos pela Universidade Paul-Valéry – Montpellier (França). Participou em colóquios na França e em Portugal e publicou vários artigos sobre Alves Redol. Bolseiro do Instituto Camões em 1998, aprofundou os seus conhecimentos em Língua, Literatura e Cultura (LLC) portuguesas na Faculdade de Letras de Lisboa. Graduou-se em Licenciatura, Mestrado e Diploma de Estudos Aprofundados (DEA) em Estudos Culturais : Mediterrâneos e Línguas Românicas pela Universidade Paul-Valéry Montpellier III – França, entre 2000 e 2003. Obteve também um Mestrado em Ciências da Informação e da Comunicação em 2004. Após anos de pesquisa em França e em Portugal, doutorou-se em Letras - Estudos Românicos, em junho de 2010, pela Universidade Paul-Valéry. A sua tese intitula-se : “A crise vitícola do Alto Douro (1907-1915) - entre realidade social e discurso ideológico no ciclo *Port-Wine* de Alves Redol”. Durante os seus estudos, ensinou a literatura portuguesa e deu palestras na Universidade Paul-Valéry. Publicou numerosos artigos e participou em vários colóquios nacionais e internacionais. Agora é professor de língua, literatura e cultura portuguesas no colégio Ampère em Oyonnax – França.

<sup>2</sup> Alves Redol, in Álvaro SALEMA, *Alves Redol, a Obra e o Homem*, op. cit., p. 58.



bem definido<sup>3</sup>. As principais datas históricas que pontuam a existência e o itinerário das personagens permitem que tudo aconteça como se o leitor assistisse, através da experiência dos protagonistas, ao próprio sopro de uma época.

O mundo alto duriense de Alves Redol é descrito e estratificado de acordo com uma lógica que não se limita apenas aos dados econômicos, sociológicos, históricos e geográficos, mas prolonga-se até o cerne do discurso ideológico do Neo-Realismo. Trata-se de um universo que vivifica um grupo social esquecido, presta homenagem a uma geração de homens e mulheres explorados por um sistema e sujeitos aos caprichos de um paisagem singular e difícil de cultivar, e transmite uma mensagem ideológica e estética<sup>4</sup>. Como destacou Maria Graciete Besse :

*A obra de Alves Redol apresenta uma significação histórica imediata e surge como a expressão de um fenómeno ideológico complexo. Veiculando um conjunto de ideias e de crenças, segundo o programa definido pelo movimento neo-realista, a obra romanesca traduz valores e representações duma relativa coerência, referentes a um grupo situado num momento histórico preciso<sup>5</sup>.*

Foi em setembro de 1943 que Alves Redol visitou o Douro vitícola. Sempre fiel ao seu método de trabalho, estabeleceu-se na região em que viu nascer, crescer, sofrer e lutar aqueles que se tornarão as suas personagens. Rapidamente, deu-se conta da realidade dramática desse povo heróico que, durante séculos, arranca da terra xistosa do Douro a uvas, “o maná”

<sup>3</sup> « O autor quis circunscrever-se primeiro, [...] ao pequeno mundo da aldeia vinhateira, colhido num período normal, entre duas pragas, a da filoxera como pano de fundo e a das inundações de 1909 no clímax da tragédia local. No segundo volume, a acção, sempre com raízes regionais à mostra, alarga-se a problemas de âmbito nacional: a engrenagem comercial e financeira, as rivalidades dos produtores vinhateiros de outras regiões, a luta contra o virtual monopólio inglês da exportação, tudo integrado na viragem política de 1910. Por fim, *Vindima de Sangue* [...] converte a acção num documentário romanceado das forças que desencadearam a grande hecatombe de 1914 -1918, e das suas incidências nos mundos maiores ou menores em que vai correndo o vinho do Porto. » Oscar LOPES, « Alves Redol », in *Os Sinais e os Sentidos, Literatura Portuguesa do Séc. XX*, Lisboa, Caminho, 1986, p. 57.

<sup>4</sup> « A reflexão acerca da representação da realidade e dos procedimentos a assumir pelo discurso literário para a sua concretização constitui uma das preocupações primordiais do movimento neo-realista. » Carlos REIS, *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português, op. cit.*, p. 34.

<sup>5</sup> Maria Graciete BESSE, *Alves Redol, O Espaço e o Discurso*, Lisboa, Ulmeiro, 1997, p. 91. Maria Graciete Besse é professora de literatura portuguesa na Universidade Paris IV Sorbonne e uma das especialistas da obra de Alves Redol. Ela publicou, entre outras, várias obras sobre o Neo-Realismo português, sobre a poesia e a ficção.



preciosa que dá o vinho do Porto. Percebeu também que esta tarefa gigantesca requer um imenso sacrifício por parte dos trabalhadores rurais. Tal como o seu Ribatejo natal e, à maneira de outros escritores portugueses fascinados pelo Alto Douro, a região do vinho do Porto convém perfeitamente a Alves Redol para realizar o seu programa literário. Numa entrevista ao jornal *A tarde* de 21 de fevereiro de 1945, a neutralidade de Redol desaparece e o seu projeto romanesco deixa transparecer o seu humanismo: « *Os motivos do Douro são tão fortes e tão humanos como os do Ribatejo onde nasci.* » Para a publicação em 1946 do seu primeiro romance sobre a região do Douro : *Porto Manso*<sup>6</sup>, seguido três anos mais tarde pelo primeiro volume do ciclo *Port-Wine*, Alves Redol morou na aldeia do Douro que deu o nome

---

<sup>6</sup> *Porto Manso* apresenta-nos as precárias condições de vida dos trabalhadores de uma aldeia situada na margem direita do Douro. A ação acontece durante a Segunda Guerra Mundial. Os problemas sociais estão no centro do enredo. Eles provêm do conflito nascido da oposição entre a actividade tradicional representada pelo rabelo e a imposição de progresso cujo emblema é a construção da ferrovia. A chegada do trem vai causar uma crise no transporte fluvial. O romance narra o desaparecimento de um mundo tradicional e a emergência de um mundo moderno. Cada capítulo alterna com um verdadeiro poema em prosa, onde o narrador descreve os elementos do real usando imagens populares, imprimidas de realismo. Aos problemas económicos dos barqueiros, representados por António do Monte, misturam-se histórias de amor trágicas nas quais o destino parece desempenhar um papel decisivo. As relações sócio-económicas em *Porto Manso* são menos complexas do que no ciclo *Port-Wine*, elas encenam as oposições entre barqueiros, agricultores e trabalhadores ferroviários : « Antes de ele passar por aqui não chegavam cá os jornais. Os que aprendiam a ler esqueciam-se. Só sabiam fazer o nome e notar uma carta. Agora sabe-se tudo o que se passa no mundo. São coisas do Diabo ! O Joaquim nunca matara um passarinho e agora faz uma destas. O mal é do comboio, desse maldito ! Lêem-se todas as tentações do mundo. Vocês lembram-se ? Já veio no jornal uma morte igual a esta. E foi isso que virou a cabeça ao Joaquim. » Alves REDOL, *Porto Manso*, 4ª ed., Lisboa, Caminho, 1999, pp. 48-49. « Eram três corcéis num corpo só – cavalo do Diabo para os marinheiros, cavalo-vapor para os senhores e cavalo de tróia para o futuro. Ao Douro chegou outra vida. Viajaram comerciantes, prostitutas, ladrões, técnicos e turistas – uma humanidade toda diferente. Os que lá viviam sentiram-se oprimidos, como se lhes tivessem invadido o lar e os quisessem expulsar da terra. Violam todos os vícios. E tentações e crimes. Desfizeram-se famílias e nasceram novas terras. Das que já existiam, algumas alargaram-se como cidades e outras morreram definhadas. A tradição mirrou-se e ficou guardada no coração dos velhos. O ripanço fez-se velocidade e o aparelho de telefonia calou a música ingénuo dos instrumentos populares ». *Porto Manso*, p. 315. Voici ce que Álvaro Salema dit de *Porto Manso* : « O primeiro romance duriense [...] foi publicado pelo final de 1946. Não é ainda a grande construção literário-social estruturada que imaginara pelas arribas do vale e nas andanças pelo rio, entre barqueiros e camponeses. [...] Alves Redol nunca se sentiu satisfeito com a sua construção romanesca do tema e pensou em refundi-la algum dia com melhor tratamento de composição ». Álvaro SALEMA, *Alves Redol, A Obra e o Homem, op. cit.*, pp. 55-56. Apesar das suas insuficiências, *Porto Manso* tem o mérito de ser a primeira obra romanesca ampliando o horizonte social de Alves Redol para o norte de Portugal.



ao título do seu romance. O seu amigo Francisco Tavares Teles<sup>7</sup>, um morador local que o acompanhou durante a sua investigação, sublinha :

*Alves Redol não perdera o seu tempo. O contacto, embora breve, com a região duriense, fora bastante para a conquistar. E quando partiu já deixou a promessa de um próximo retorno. As condições de trabalho na lavoura do Douro, que pôde observar na sua rápida visita, foram motivo decisivo para voltar de novo. E, em princípios de 1945, já estava instalado em Porto Manso, a trabalhar no romance dos barqueiros do rio Douro, que viria a ter como título o próprio nome da aldeia. Ali esteve várias semanas, convivendo com gente da terra e do rio, embarcando em rabelos, rio abaixo, rio acima, entre o Porto e Pinhão, fazendo a vida dos marinheiros do barco [...]*<sup>8</sup>.

Alves Redol confirma : « *Demorei algumas semanas em Porto Manso, ninho de Barqueiros. Um bom amigo arranhou-me um quarto na própria casa onde viveram o barão de Forrester<sup>9</sup> e a esposa* »<sup>10</sup>.

Para melhor compreender este mundo rural do Douro, a sua história, as suas crises, a exploração humana e a austeridade da natureza que atinge os viticultores apesar da sua coragem e da sua obstinação, Redol decidiu iniciar em 1947 a maior empresa de toda a sua obra romanesca : o ciclo *Port-Wine*. Efetivamente, a região do Douro é rica em elementos para a sua trilogia: « *ambiente, personagens, causa, acção*<sup>11</sup> ».

É a vida inteira de uma família que mora numa aldeia situada nas montanhas do Marão perto de São João da Pesqueira, os Teimas, que sintetiza toda a vida dos viticultores da região, que Redol quer doravante evocar, não só através da apresentação de alguns indivíduos no que

<sup>7</sup> É a este amigo do Douro, companheiro fiel de Alves Redol durante a sua estada na região, que o autor de *Porto Manso* dedicou o primeiro volume da sua trilogia : *Horizonte Cerrado*.

<sup>8</sup> Ver *Charrua em Campo de Pedras*, Ed. de José Manuel Mendes, p. 49, in Álvaro SALEMA, *Alves Redol, A obra e o homem, op. cit.*, p. 54.

<sup>9</sup> José James Forrester (1809-1861), um cidadão britânico nascido na Escócia, é o autor de vários livros sobre o Douro e o Vinho do Porto. Estabeleceu-se no início do século XIX, como um comerciante na cidade do Porto. Ele desenhou um mapa do Douro para tornar a navegação no rio menos perigosa. Alguns consideram-no como o benfeitor do Douro, outros, que incluem Camilo Castelo Branco, como o seu maior detrator, por causa das acusações para com os viticultores da região. A violência dos ataques de Camilo (na sua obra *O Vinho do Porto* (1884), que é também um documento sobre a vida dos homens do Douro e um testemunho do interesse que o autor dá ao vinho do Porto) pode surpreender, se pensamos que, finalmente, os ingleses foram os principais consumidores de vinho do Porto. No entanto, esse entusiasmo pode ser explicado pela anglofobia que resultou dos desacordos entre Portugal e a Inglaterra sobre a expansão das colónias na África.

<sup>10</sup> Álvaro SALEMA, *Alves Redol, A Obra e o Homem, op. cit.*, p. 55.

<sup>11</sup> Álvaro SALEMA, *Alves Redol, A Obra e o Homem, op. cit.*, p. 55.



eles têm de singular, mas no que faz a sua unidade. Partindo desse programa ambicioso de recriar o meio vitícola, ele presta especialmente atenção aos problemas causados pela crise do vinho, desde a época filoxérica preocupa os vicultores.

O ciclo *Port-Wine*, enquanto elemento de transição marcando a passagem do lírico para o épico, inaugura uma nova fase<sup>12</sup>. Com esta trilogia, assistimos a um enriquecimento dos meios de expressão de Alves Redol : da construção linear próxima do documentário e da tipificação que caracteriza os romances sobre o Ribatejo, ele consegue a reconstrução didática precisa dos conflitos e dos dramas da comunidade dos pequenos vinhateiros do Douro:

*Alves Redol foi, dos neo-realistas, o escritor que mais amplamente cumpriu a referida sondagem de diversos espaços geo-sociais e culturais, mostrando a alienação e a revolta em homens e mulheres explorados no seu trabalho [...] subiu até ao Douro a recolher os materiais do seu ciclo Port-Wine, que culmina com o romance didático e épico Vindima de Sangue*<sup>13</sup>.

Convém refletirmos um momento sobre o gênero épico, sobre essa singularidade do ciclo *Port-Wine* em relação a obra romanesca de Alves Redol. À fronteira da literatura oral e da literatura escrita, ligando os céus, a terra e os mundos subterrâneos, o gênero épico é provavelmente o mais antigo e o mais durável que a humanidade tenha conhecido. Fundador da cultura europeia com Homero e depois com Virgílio, este gênero evolui em diferentes lugares e épocas, exaltando a Idade Média com canções e gestos, marcando o Renascimento

<sup>12</sup> Esta nova etapa na produção literária neo-realista não é uma exclusividade do ciclo *Port-Wine* escrito entre 1949 e 1953, é comum a todas as obras dos escritores deste movimento, escritas na mesma época. Alexandre Pinheiro Torres nos elucida : « Tem-se aceitado, com mais ou menos dogmatismo, que, a partir de certa altura, por volta do fim da década de 40 ou princípios da década de 50, ou mesmo em 1950 (exactamente), surgiu uma nova fase dentro do Neo-Realismo no nosso país, fase essa em que novos valores se revelaram, alheios ao furor polémico ou ao propósito doutrinário dos últimos anos da década de 30, em que, com boas razões, se pode considerar fixado o surto do Movimento. [...] se frisamos este aspecto é porque se tem considerado como fim da Primeira Fase aquele período em que os autores já consagrados do Neo-Realismo (ou os que lhe iam enriquecer as fileiras) teriam finalmente despertado para a urgente necessidade de considerarem, antes de mais nada, os seus trabalhos literários como *obras de arte*, atentos, por fim, ao *primado do estético*, embora não abdicando dos princípios ideológicos de que o Neo-Realismo é e será sempre inseparável enquanto existir ou pretender subsistir como tal, e, para já, a Ideologia que o informa encontra-se dinamicamente viva ». Alexandre Pinheiro TORRES, *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua Primeira Fase, op. cit.*, p. 10.

<sup>13</sup> Urbano Tavares RODRIGUES, « O Neo-Realismo geo-social, político e artístico », *Encontro Neo-Realismo, Reflexões sobre um Movimento – Perspectivas para um Museu*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1999, pp. 21-22



com Dante, o Romantismo com a afirmação das nações e culturas. O gênero épico é revisitado por George Lukács em *A teoria do romance*, cuja primeira edição data de 1920. Mas desde o esboço de 1914 e em termos teóricos bem definidos, o pensador húngaro precisa a orientação, não individual, mas coletiva do herói épico :

*O herói de epopeia nunca é um indivíduo. Sempre, foi considerado como uma característica essencial da epopeia o facto que o seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. [...]. E a comunidade é um todo concreto, orgânico e, por isso, rica em si mesmo de significado*<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Georges LUKÁCS, *La théorie du roman*, Paris, Gonthier, 1970, pp. 60-61. A tradução é nossa.



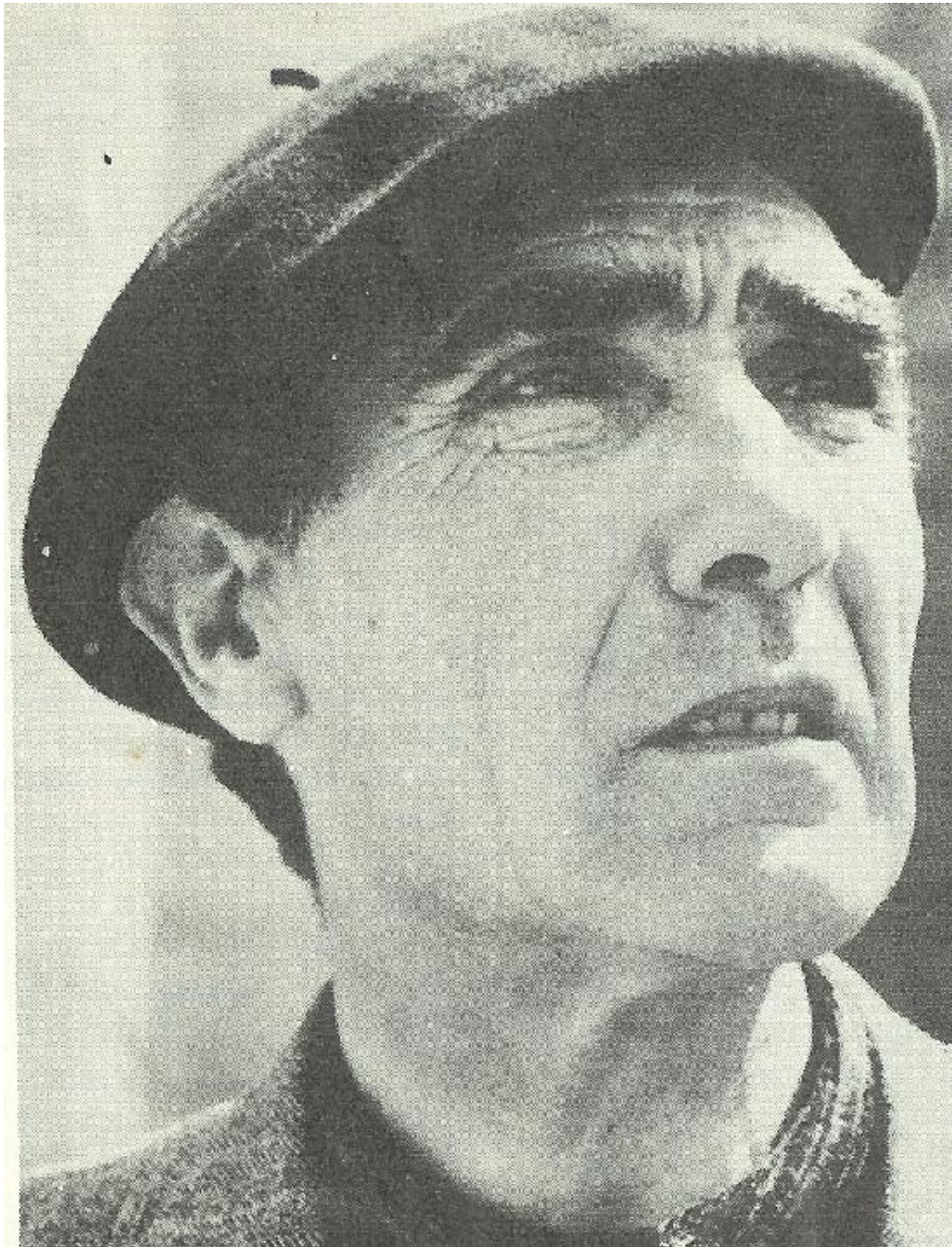


Ilustração I- Foto de Alves Redol – Álvaro SALEMA, *Alves Redol, A Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1980.

*Desde que a conheci (a região do Douro) senti-me atraído para aqui, não só pela sua paisagem variada, como pela riqueza dos seus tipos humanos. Melhor que tudo responderá a minha obra<sup>15</sup>.*

<sup>15</sup> Alves REDOL, in Maria José MARINHO e António Mota REDOL, *Alves Redol : Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Lisboa, Caminho, 2001, p. 286.



*Sonhei erguer, com este ciclo de romances, um monumento à vossa epopeia [...]*<sup>16</sup>.

É nesta perspectiva que Lucien Goldmann<sup>17</sup> fala de uma “*comunidade suficiente para permitir a existência de uma forma épica*”. No imaginário português a epopeia de Camões é centrada em torno de viagens, façanhas e descobertas de Vasco de Gama, da expansão marítima da “lusitana gente”, e assume um valor ético, mítico e ideológico.

No ciclo *Port-Wine*, Alves Redol, no seu processo romanesco de representação do universo trabalhador, apresenta uma aventura heróica, não através da conquista dos oceanos, do desenvolvimento do Império português, ou da revelação da fé cristã, como nos *Lusíadas*, mas através do que podemos qualificar de epopeia<sup>18</sup> visionária<sup>19</sup>, o resultado de um longo e doloroso percurso de tomada de consciência de uma comunidade : o povo alto duriense representado em primeiro plano pelos Teimas, António e seu filho Francisco. Esta família simboliza a relação sagrada do homem com a terra-mãe e a vinha que criou heroicamente, contra a natureza agreste e contra as relações sociais de produção e comercialização nada favoráveis ao povo rural.

Na trilogia redoliana, detectamos também um mundo com “dois pesos e duas medidas” feito de injustiças : onde encontramos, de um lado, no cume da pirâmide social, uma pequena minoria que domina tudo e todos, constituída de grandes proprietários de terras , especuladores e comerciantes<sup>20</sup>, e de outro lado, as classes populares, compostas por pequenos

<sup>16</sup> A. REDOL, préface de *Horizonte Cerrado*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1974.

<sup>17</sup> Lucien GOLDMANN, *Pour une sociologie du roman*, Paris, Gallimard, 1986, p. 24.

<sup>18</sup> Alves REDOL, préface de *Horizonte Cerrado*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1974.

<sup>19</sup> Este qualificativo de "visionário" remonta ao século XIX, e traduz uma verdade muito mais complexa do que parece. O exemplo típico deste "subgênero" é a *Divina Comédia* de Dante, que parece respeitar um número relativamente pequeno de características comuns à maioria das epopeias mais místicas do que guerreiras, mais metafísicas do que físicas. Victor Hugo no seu prefácio da *Lenda dos séculos* qualifica a sua obra de epopeia visionária e mostra « o homem subindo das trevas para o ideal, a transfiguração paradisíaca do inferno terrestre, a eclosão lenta e suprema da liberdade, direito para esta vida, responsabilidade para a outra. A epopeia visionária deve « expressar a humanidade numa espécie de obra cíclica, pintá-la sucessivamente e simultaneamente em todos os seus aspectos, história, fábula, filosofia, religião, ciência, os quais se resumem num só grande movimento para à luz » .

<sup>20</sup> Naquela época, o essencial do mercado do vinho do Porto era constituído pelos comerciantes ingleses, os primeiros a dar valor e apreço ao vinho do Porto e a fazer a sua reputação, donde o título genérico de *Port-Wine*.





produtores e sem-terra que sofrem com a particularidade de uma natureza hostil, as consequências da crise da filoxérica, a conjuntura econômica e a exploração capitalista. Tais classes ocupam a parte inferior da escala social e têm apenas sua força de trabalho para vender<sup>21</sup>.

Além do enredo principal que narra a saga dos Teimas, existem no ciclo *Port-Wine* histórias secundárias que apresentam a imagem de um universo social, econômico e afetivo em total desequilíbrio emocional, em crise. Elas constituem « *des mises en abîme* », verdadeiros romances dentro da trilogia. Cada um dos temas desenvolvidos na obra cíclica evoca uma história particular, uma situação social diferente que contribui à dinâmica da narrativa.

Este Douro, espaço de exploração e de miséria, transforma-se progressivamente num « *exército sem chefes*<sup>22</sup> » onde homens e mulheres, crianças e idosos, vivos e mortos, segundo a tradição erudita e popular, a dimensão maravilhosa e mítica da epopeia<sup>23</sup>, reúnem-se na luta final. Essas personagens acompanham o processo de despertar de consciência da massa rural, que culmina com a revolta de 1915 em Lamego e com o reconhecimento dos direitos dos viticultores do Douro pelo governo português<sup>24</sup>.

O trabalho de terreno para a realização desse projeto ambicioso não foi fácil para Alves Redol<sup>25</sup>. Com efeito, esta tarefa hercúlea corresponde a um período de crise na vida do romancista. A angústia da página em branco, os labirintos da dúvida, o desânimo, o cansaço e

<sup>21</sup> « Os proletários eram aqueles que nada tinham e viviam do seu trabalho assalariado. Eram jornaleiros ou criados. Viviam pobre ou até miseravelmente. [...] pequenos lavradores, aqueles que, tendo alguma coisa de seu, não possuíam, no entanto, o suficiente para viverem dos seus rendimentos e que, por isso mesmo, eram obrigados a vender a sua força de trabalho ou a tomar à renda terrenos alheios. » António Luís da COSTA, *Alto Douro, Terra de Vinho e de Gente, A Vida Quotidiana Alto Duriense no Primeiro Terço do Século XX*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 89.

<sup>22</sup> *Horizonte Cerrado*, p. 93.

<sup>23</sup> « O que caracteriza a epopeia é o triunfo solar do humano sobre a ávida massa da matéria, a salvação de um povo arrancado à imobilidade do marasmo, ao aperto das forças inconscientes. » Daniel MADELÉNAT, *L'épopée*, Paris, PUF, 1986, p. 55.

<sup>24</sup> Analisei esta revolta popular na quarta parte da minha tese de doutoramento : Lucien Demba Diouf, *La crise viticole du Alto Douro (1907-1915), entre réalité sociale et discours idéologique dans le cycle Port-Wine d'Alves Redol*. Thèse de doctorat, Etudes Romanes : Portugais. Université Paul-Valéry – Montpellier III, 2010, 2 vol., 509 p.

<sup>25</sup> « Não se pode negar que a simples transposição para a literatura duma experiência de vida intensa, gere grandes obras de arte – haja em vista Dostoiewsky [...]. » Armando Ventura FERREIRA, « A propósito do último livro de Alves Redol », in *Seara Nova*, 962, Lisboa, 1946, p. 38.



a doença o impedem de escrever durante um longo período. Redol pensa em desistir. Mas durante esses momentos difíceis da sua vida de escritor, o autor de *Barranco de Cegos* sempre enfrentou os seus próprios limites. A sua perseverança em se documentar é mais do que nunca notável. A sua obstinação acaba por dominar as suas incertezas. Para Alves Redol, na sua busca de autenticidade e verosimilhança, o ciclo *Port-Wine* que tem como objetivo pôr em evidência a vida da “gente da terra” e das suas « *penosas condições de trabalho na lavoura do Douro*<sup>26</sup> », deve representar o que há de melhor na sua obra romanesca<sup>27</sup>. Os três volumes que compõem o ciclo *Port-Wine* são construídos graças a um trabalho intenso, prolongado e paciente. São o fruto de um esforço de documentação considerável e de observações contínuas. Durante seis anos, Alves Redol passa várias temporadas no Douro e documenta-se<sup>28</sup> meticulosamente nos arquivos e bibliotecas de Lisboa e Porto<sup>29</sup>. Esta documentação,

<sup>27</sup> Essas correspondências com o seu amigo duriense, que serão publicadas posteriormente em 1975 pelo filho deste último, na revista *Correio do Povo*, são bastantes significativas. Aqui estão alguns trechos : « Tenho aí no Pinhão uma pensão ou taberna onde se arranja uma tarimba e umas sopas. É desta vez que me disponho a fazer o romance do seu Alto Douro. » ( carta, 16 de agosto de 1947.) « Cá ando à volta de um mundo de personagens e de factos para alinhar os meus romances do Port Wine. Estou quase esgotado e em breve terei de repousar. » ( carta, 21 de outubro, *idem.*) « Ainda não comecei a escrever o primeiro volume do Douro, o que não admira. É uma trabalhadeira pasmosa, fatigante. Todos os dias lhe dou quatro horas de atenção e ainda pouco sei. Só um propósito me dá alento – o de fazer um romance que seja entre os meus livros o que o Douro é entre os vinhos: um romance generoso. » ( carta, 7 de novembro, *idem.*) « Não vão bem os sintomas de certas perturbações que me passam pela cabeça. A minha vida é uma triste realidade, contra a qual não tenho forças para reagir ordenadamente. Precisava duma grande calma que não possuo – a calma dum estratega que tudo pensa e resolve a frio. [...] Olho para trás de mim e julgo que tudo o que tenho produzido é falho de interesse. E pergunto, por isso mesmo, se vale a pena continuar. » ( carta, 27 de novembro, *idem.*) « Estou agora editor da *França* e, possivelmente, dos meus outros livros. Os abutres tentaram cair sobre mim, ignorando que eu não sou dos que voltam a cara às tempestades da vida. » ( carta, 30 de março de 1948.) « Desculpa a minha falta de notícias, mas um esgotamento tem-me impedido de o fazer, embora cá ande na minha ingrata lida de autor e editor... Tentei iniciar o 2.º volume do ciclo, detive-me, porém, por todos os motivos que te aponto. » ( carta, 27 de fevereiro de 1949.) « [...] Mas só quem possa avaliar a minha vida – as exigências de ganhar o dia a dia para mim e para a casa do meu filho ; os 60 quilómetros quase diários das minhas idas a Vila Franca ; os mil problemas do pequeno comércio e indústria portugueses, com os casos de consciência que se ligam às exigências de quem é obrigado a meter por este caminho para se não vender ; o peso terrível duma saúde por vezes precária, etc. » ( carta, 25 de maio de 1951.) Álvaro SALEMA, *op. cit.*, pp. 57-58.

<sup>28</sup> Manuel Campos Lima nos lembra a necessidade dessa pesquisa documentário no escritor : « Nós devemos querer o escritor armado com aqueles instrumentos que lhe permitam ver e explicar como vê as causas das ideias e do comportamento dos homens, os móveis mais evidentes da vida social, o sentido da marcha do homem para a sua desalienação. Estes instrumentos são dados da ciência económica, social e política, que têm de formar necessariamente a base da cultura de um homem da nossa época ». Manuel Campos LIMA, « Duas atitudes perante o conhecimento », in *Seara Nova*, 1084, Lisboa, 1948, p. 19. Quanto ao João Pedro de

sustentando e tornando mais preciso o seu objetivo, autenticou os testemunhos e as cenas vividas durante as suas viagens. O material que recolheu foi qualitativamente e quantitativamente denso. Enriquecido por todos os seus manuscritos e todas as suas informações, ele começa a escrever o seu esboço e as suas fichas : « *O material vastíssimo que tenho reunido e feito fichas daria, só por si, vários volumes*<sup>30</sup> ». Os textos extraídos deste material são revistos e os três volumes várias vezes reescritos.

Apoiando-se sobre alguns temas gerais que deseja desenvolver e orquestrar, Alves Redol cria os seus romances de acordo com as exigências de uma visão prefigurada. Assim surgiram respectivamente, *Horizonte Cerrado*<sup>31</sup> em 1949, *Os Homens e as Sombras*<sup>32</sup> em 1951 e *Vindima de Sangue*<sup>33</sup> em 1953. Estes três volumes<sup>34</sup> formam um todo e são interdependentes : a compreensão de um através da sua história, suas personagens e dos vários assuntos abordados, requer a leitura do outro.

Alves Redol atingiu o seu objetivo, através da valorização de algumas linhas de força como : a autenticidade, o realismo, a verosimilhança, o compromisso. Em suma, ele fez do ciclo *Port-Wine* « *um romance generoso* ». Assim o reconhecimento e as apreciações dos seus

---

Andrade, fala de uma « excessiva precisão nas descrições [...] do trabalho rural ». João Pedro de ANDRADE, *op. cit.*, p. 44.

<sup>29</sup> « Alves Redol, ao fim de vários anos de honesto estudo, ganhou melhor consciência dos seus recursos. » Oscar LOPES, « Alves Redol », in *Os Sinais e os Sentidos, Literatura Portuguesa do séc. XX, op. cit.*, p. 56.

<sup>30</sup> Álvaro SALEMA, *op. cit.*, p. 58.

<sup>31</sup> Lembramos que o preço Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa foi atribuído a *Horizonte Cerrado* em 1950. Mário Dionísio considera este prémio como um triunfo definitivo do Neo-Realismo : Cf. Maria José MARINHO e António Mota REDOL, *op. cit.*, p. 73. Eis o que Óscar Lopes diz desta obra : « É dos três romances aquele que mais satisfaz com certeza ao público da ficção em prosa, está construído como se fosse uma série de contos de acção contínua. Quero dizer que se decompõe, por forma demasiado evidente, em cenas ou sequências quase auto-suficientes quanto ao seu interesse fundamental. Cada capítulo é, sobretudo, a preparação do seu próprio desenlace [...] ». Oscar LOPES, *op. cit.*, p. 57.

<sup>32</sup> « [...] Em *Os Homens e as Sombras*, substituí Redol essa factura parcelar e episódica (a de *Horizonte Cerrado*) por um enredo mais coeso. » *Ibid.*

<sup>33</sup> Óscar Lopes pensa com razão que, visto a abundância das informações, *Vindima de Sangue* é antes de mais nada uma obra que visa educar. Alves Redol acrescenta : « *Vindima de Sangue* é, não há dúvida, um romance demasiadamente didáctico de forma. [...] este último livro de Redol dá uma boa lição de história sociológica, sob forma romanceada ». Oscar LOPES, « Alves Redol », in *Os Sinais e os Sentidos, Literatura Portuguesa do séc. XX, op. cit.*, p. 58.

<sup>34</sup> Para este trabalho consagrado aos três volumes que compõem o ciclo *Port-Wine*, todas as citações referem-se às seguintes edições : *Horizonte Cerrado*, Lisboa, Europa-América, 2ª ed., 1974. *Os Homens e As Sombras*, Lisboa, Europa-América, 4ª ed., 1981. *Vindima de Sangue*, Lisboa, Europa-América, 4ª ed., 1980.



contemporâneos, dos críticos literários e dos mais avisados leitores, considerando esta trilogia como uma obra-prima, foram rápidos. Álvaro Salema afirma, a respeito disso :

*Esta série Port-Wine, que é não só produto de um trabalho de imaginação mas também de estudo e preparação in loco do autor, abarca os primeiros quinze anos deste século e constitui, por assim dizer, um largo fresco em que, através dos personagens da finança absorvente, da aristocracia em decadência, da burguesia comercial, das classes rurais, das vicissitudes da política e das lutas económicas, Alves Redol nos dá uma realidade humana colectiva em movimento, que – ela mais do que os figurantes – é a verdadeira protagonista da obra<sup>35</sup>.*

---

<sup>35</sup> Álvaro SALEMA, *op. cit.*, p. 59. Desta realidade humana descrita por Redol, eis um trecho que acrescentou o seu companheiro, durante as suas investigações no Douro : « Do escritor e dos seus [...] romances sobre o Douro direi que eles representam, até hoje, o melhor que se escreveu sobre a região duriense. Do seu trabalho para a recolha de elementos para esses livros, do seu trato com as pessoas que teve de contactar, e dos sacrifícios que algumas vezes suportou, sempre se comportou com a simplicidade e a modéstia dum homem superior. [...] na Régua, ou aqui no Pinhão, Alves Redol deixou amigos em todos os que o conheceram. Embora os problemas que afectam esta região sejam muitos e muito emaranhados, Alves Redol não se poupou a tremendos esforços para os destrinçar e os explicar : os seus livros do Ciclo são disso prova exemplar. Foi com ele que aprendi a conhecer melhor a própria região onde vivo e os trâmites que nos permitem compreender os problemas económicos e outros que nela se agitam e que a levaram, no passado, a tantas crises, algumas delas dramáticas, como a que o autor nos descreve na *Vindima de Sangue*. Com ele também muito aprendi acerca dos homens e da sua condição. [...] exerceu o seu trabalho de escritor com verdadeiro espírito de missão. Porque não foi por acaso que Alves Redol escolheu para suas personagens preferidas os homens mais explorados e desprotegidos [...] ». Maria José MARINHO, et António Mota REDOL, *Alves Redol : Testemunhos dos seus Contemporâneos*, *op. cit.*, p. 283.

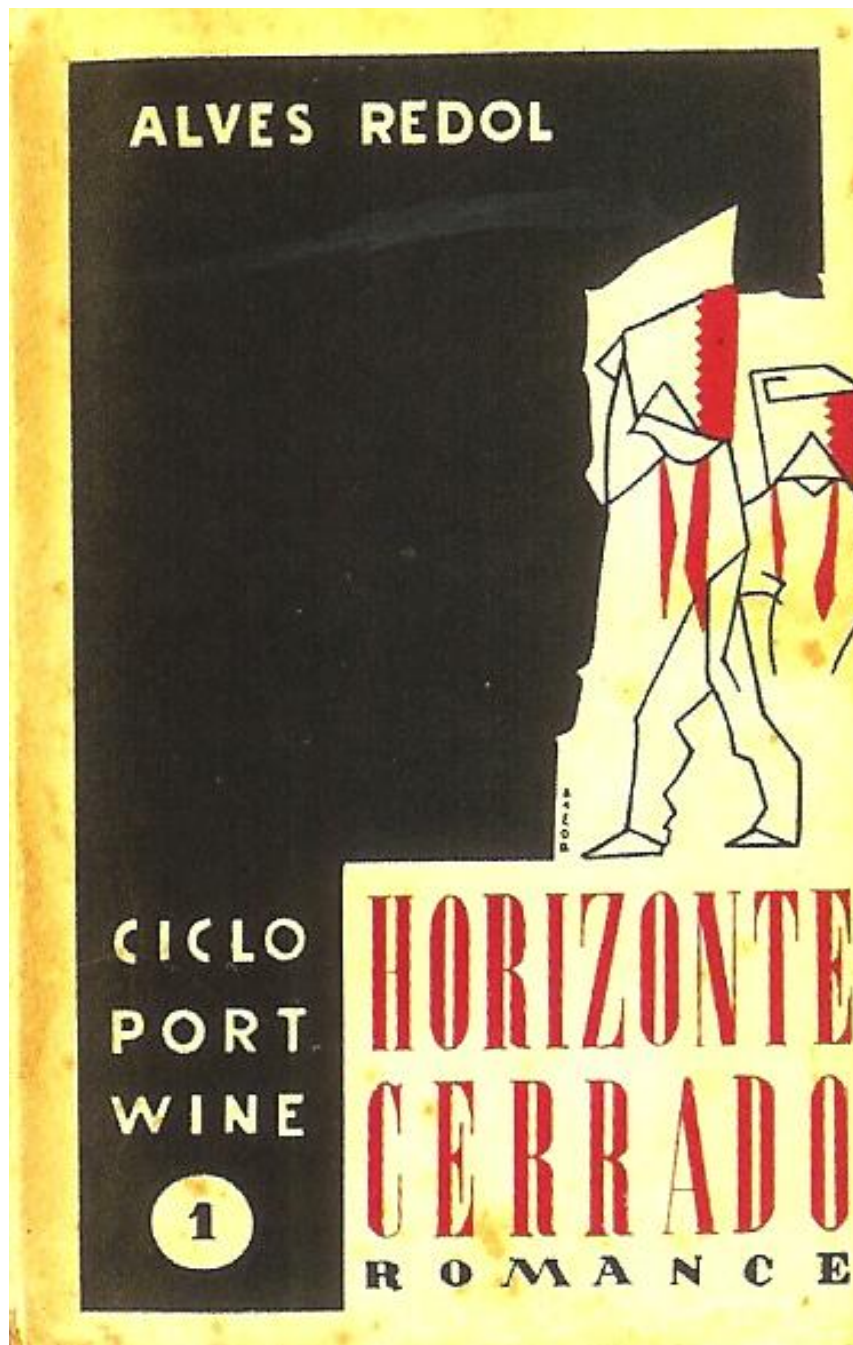


Ilustração II- Primeira de cobertura da primeira edição de *Horizonte Cerrado*.

*A atribuição de um prêmio do romance, pela Academia das Ciências, a Horizonte Cerrado revela naturalmente a preferência particular dum júri determinado. Mas por menos absoluto que porventura seja o interesse*





*valorativo do dito júri, um facto se deve registar. E esse é o do triunfo definitivo na literatura portuguesa, como sintoma, como projecção, como realização, do neo-realismo. Não é decerto tal prémio que exprime tal triunfo. Mas quem poderá negar que constitui um sintoma inegável e inapagável da verdade dele ?<sup>36</sup>*

---

<sup>36</sup> Mário DIONÍSIO, in *Alves Redol : Testemunhos dos seus Contemporâneos, op. cit.* p. 73.



Ilustração III - Primeira de cobertura da primeira edição de *Os Homens e As Sombras*

*Os Homens e as Sombras é o romance mais sério e mais belo deste autor, que, com ele, se coloca sem restrições ao lado dos maiores escritores portugueses... Toda a hesitação, todo o primarismo de construção, todo o*

Revista Litteris  
[www.revistalitteris.com.br](http://www.revistalitteris.com.br)

ISSN: 19837429

Março de 2014

N.13

Volume 1



*sentimentalismo exaltado que tapa lacunas, toda a personagem títere, toda a pressa de provas, toda a linguagem aliterada que arrepiava, todo o amorismo, enfim, desapareceu das páginas do autor de Avieiros<sup>37</sup>.*

---

<sup>37</sup> Mário DIONÍSIO, *Vértice*, n° 97, Setembro de 1957. *op. cit.*, p. 60.

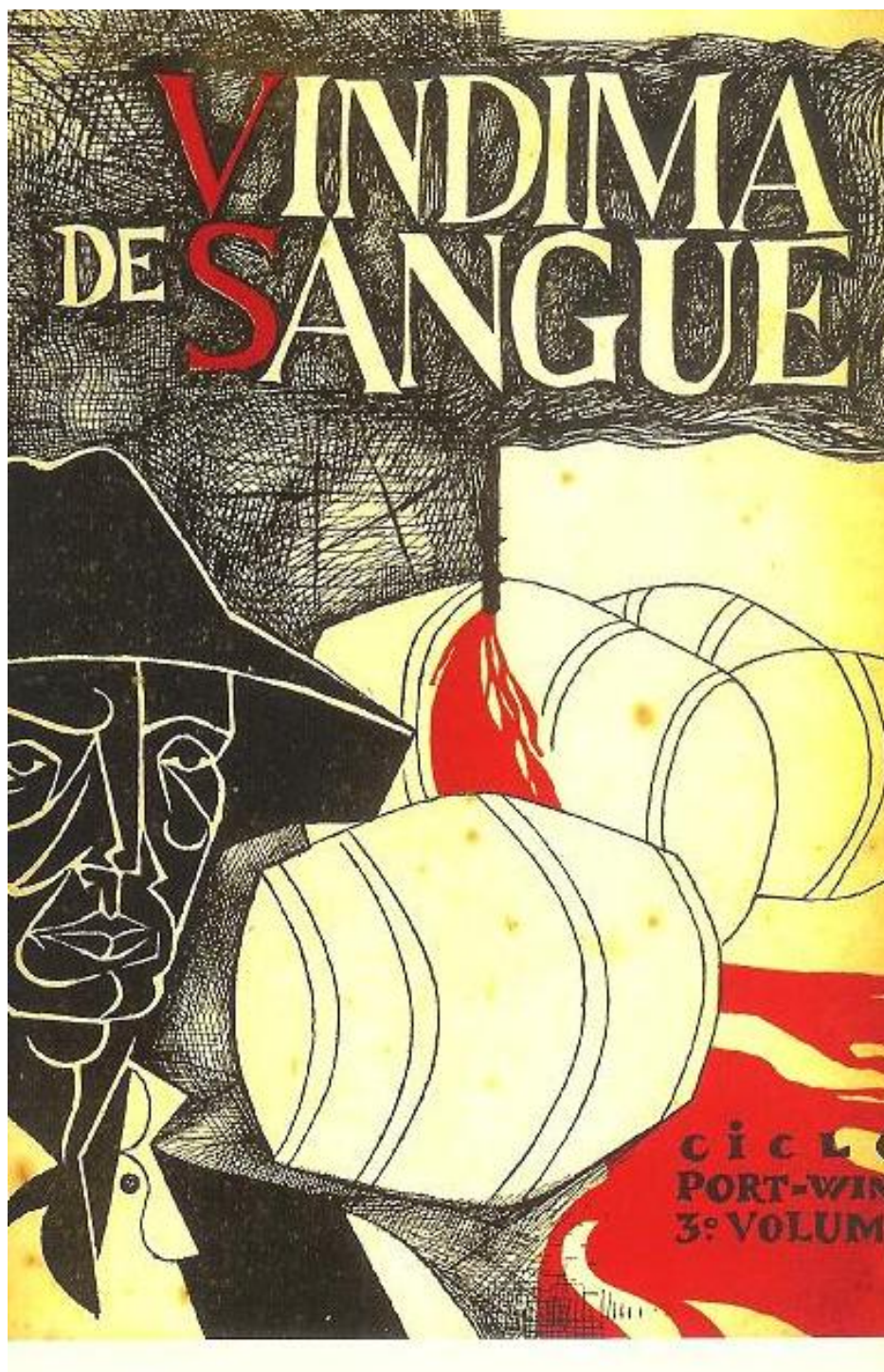


Ilustração IV- Primeira de cobertura da primeira edição de *Vindima de Sangue*.





*Alves Redol exprime o sentido profundo duma realidade viva. Com maior densidade e precisão no estudo psicológico dos caracteres, com mais fluidez romanesca, mais límpido relacionamento entre os diversos planos da acção e um estilo mais claro, esta obra seria aquela por que espera a ficção portuguesa...*<sup>38</sup>

Manuel Campos Lima refere-se a esta obra-prima de Alves Redol afirmando que a organização e construção desta série de romances exigiram uma atenção particular, especialmente no que respeita à história sócio-económica do Douro. É à composição de *Horizonte Cerrado*, que é de uma grande mestria do processo de representação narrativa, que ele consagra os seus mais relevantes comentários :

*A primeira (qualidade) diz respeito à estrutura da própria obra, aquilo a que podemos chamar a sua construção e o seu movimento. Horizonte Cerrado [...] tem muito mais unidade do que todos os romances anteriores. Na dosagem dos assuntos, na alternância dos meios, figuras e classes sociais, no equilíbrio entre a narração, o discurso e o diálogo, descortina-se uma maior atenção à planificação da obra do que anteriormente. Os capítulos vivem em função do conjunto e a acção dos personagens é pedida pelo movimento geral do romance [...]*<sup>39</sup>.

As apreciações de Campo Manuel Lima mostram que a composição de *Horizonte Cerrado* constitui um aspecto essencial da técnica narrativa do romancista. É por isso que as suas referências à trilogia fazem alusão à acção (*dosagem dos assuntos*), ao espaço (*meios*), às personagens (*figuras e classes sociais*) e ao discurso (*discurso e diálogo*). Estes processos conferem uma dinâmica comunicativa à história contada. Eles representam domínios preciosos que chamam a atenção do leitor e merecem ser estudados e comentados em detalhe. É no mesmo registo que se inscrevem os comentários de Mário Dionísio, que reserva a Alves Redol e a todo o ciclo *Port-Wine* uma menção especial : *O seu triunfo literário fez-se palmo a palmo, lentamente, seriamente, com a mesma dureza, persistência e confiança com que os pobres camponeses do Douro arrancam da pedra a uva preciosa com que fabricam o vinho...*<sup>40</sup>.

<sup>38</sup> Carlos RELVAS, « *Vindima de Sangue* », in *Vértice*, n° 124, Janeiro de 1954.

<sup>39</sup> Manuel Campos LIMA, « Ciclo Port-Wine, I – *Horizonte Cerrado* romance de Alves Redol », in *Vértice*, n° 74, Outubro, 1949, p. 243.

<sup>40</sup> Mário DIONÍSIO, *Vértice*, n° 97, setembro de 1957. *op. cit.*, p. 60.





Este tempo narrativo começa com os últimos anos da monarquia constitucional e estende-se até a proclamação da República e o início da Primeira Guerra Mundial, isto é de 1907 a 1915<sup>41</sup>, esta história que ocupa um lugar preponderante na trilogia, pontua a quotidiano das personagens e acompanha as datas e eventos. Ela constitui também para o leitor uma fonte de informação que lhe permite situar a época durante a qual algumas ações acontecem. A evocação de fatos históricos precisos aparece e permanece intimamente ligada ao percurso de algumas personagens. Ela pontua a existência e o destino de diferentes famílias que representam camadas sociais bem definidas.

A análise minuciosa da história sócio-econômica, o estudo detalhado das vicissitudes da vida dos viticultores do Douro e do seu apego à terra, os testemunhos recolhidos sobre o modo de vida e sobre os vários conflitos sociais que acentuaram este período de crise, representam momentos importantes na trilogia<sup>42</sup>. Estes testemunhos e esta vasta documentação, ficcionalizados, mostram que Alves Redol não ficou insensível à realidade do

---

<sup>41</sup> A escolha dessas duas datas para delimitar o enredo não é fortuito, ela expressa dois momentos importantes da narrativa. Alves Redol, muitas vezes, faz alusão no início de *Horizonte Cerrado* e em todo o ciclo *Port-Wine*, às novas medidas tomadas entre essas datas memoráveis da história do Douro e do vinho do Porto. O ano 1907 marca o início da ditadura de João Franco e a instauração da legislação sobre a regularização da produção e do comércio dos vinhos do Douro. É o ano da nova delimitação da região vitícola do Douro. O limite mínimo da taxa de álcool de 16,5 ° é estabelecido para os vinhos do Porto destinados à exportação. Ele garante, pela primeira vez a noção de denominação de origem para a marca "Porto". É também o ano da constituição da *Comissão da Viticultura do Douro* em Régua: « Perante uma conjuntura económica de crise vivida por grande parte dos produtores, tornava-se necessário criar um organismo que exercesse uma acção fiscalizadora e reguladora. Assim, pelo decreto de 10 de Maio e decreto regulamentar de 16 de Maio de 1907, eram atribuições da Comissão de Viticultura da Região do Douro fiscalizar a entrada dos vinhos e aguardentes na região demarcada; proceder ao registo das propriedades produtoras de vinhos generosos; elaborar a estatística da produção dos vinhos; passar certificados de procedência aos vinhos da Região; dar baixa à saída dos vinhos, indicando o local de destino, nome do destinatário e meio de transporte e elaborar um relatório anual para apreciação dos resultados da execução dos referidos decretos. » Carla SEQUEIRA, *A Questão Duriense e o Movimento dos Paladinos, 1907-1932, Da Comissão da Viticultura Duriense à Casa do Douro*, Porto, GEHVID (Grupo de Estudos da História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), 2000, pp. 45-46. O ano 1915 representa o epílogo do ciclo *Port-Wine* e coincide com as manifestações no Douro contra o artigo 6 do Tratado Luso-Britânico que, entre outros, anula a proteção do vinho do Porto contra os outros vinhos de Portugal. Esse movimento popular provoca um motim, em Lamego a 20 de julho. A polícia opõe-se violentamente aos manifestantes e mata 12 pessoas. *Vindima de Sangue*, o terceiro e último volume da obra cíclica de Redol termina com uma insurreição mortífera e pela morte de uma personagem central da narrativa: Gracinda.

<sup>42</sup> É neste sentido que Raul Sequeira disse em termos bastantes vagos que: « o Neo-Realismo transforma todo o romance em romance histórico ». Raul SEQUEIRA, « O romance Histórico », in *Síntese*, 5, Coimbra, 1940, p. 21.



mundo rural duriense. Através de seus textos, esta realidade social, inspiradora primeira da sua produção literária, é moldada e revalorizada por um discurso ideológico pungente.

É através da « *nova sensibilidade* » e da « *nova linguagem*<sup>43</sup> » que a crise e os problemas individuais dos trabalhadores agrícolas do Douro, cujo destino está ligado à terra, tornaram-se uma realidade coletiva. Neste cenário, a aventura humana e os caprichos da natureza conjugam-se à representação objetiva do drama histórico dos Durienses, muitas vezes desconhecido pelo “grande público”. Ao longo da diegese, Alves Redol mostra como o Alto Douro é um mundo à parte, uma terra distante, onde a mão do homem criou uma vinha de acesso difícil, num espaço natural montanhoso e xistoso. Esta tarefa titanesca desenvolve-se numa atmosfera de gravidade, de sofrimento, que corresponde ser na maioria dos casos, à da trilogia : « [...] *só os Durienses sabem o preço das tragédias e heroísmos que viveram para criar esse sol – fazer um astro com as mãos é tarefa de gigantes*<sup>44</sup> ». Esta ideia é confirmada nas obras de outros escritores cujos textos são ambientados nas vinhas do Douro :

*A vinha do Douro é uma loucura: a demonstração suprema da obstinação humana para domar as resistências duma natureza violenta que cai das encostas vertiginosas, talhadas nos xistos da meseta (45 ° de inclinação média, 65 a 70 ° nalguns lugares) para se perder nos redemoinhos dum rio que só as barragens modernas do século XX conseguiram domesticar*<sup>45</sup>.

É nesta perspectiva que Miguel Torga, um escritor especialista do Douro, salienta com razão : *Começa em Miranda e acaba em Foz, este calvário. Como na rocha e na água, e termina na rocha e na água. Como nos nossos pesadelos, não há a mínima parada onde descansar. Entra-se nesta aventura, e sai-se de lá em total angústia*<sup>46</sup>.

No ciclo *Port-Wine*, Alves Redol identifica-se diretamente com os problemas e as aspirações dos trabalhadores vitícolas. Sempre em busca da verdade e da justiça social, ele apresenta o seu projeto realista. Enriquecido pela sua experiência e pelas suas convicções

<sup>43</sup> Falando do Neo-Realismo, António R. de Almeida disse que este movimento ultrapassa o domínio da reformulação da relação do escritor com a sociedade. Cf. António Ramos de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 18.

<sup>44</sup> Alves REDOL, préface de *Horizonte Cerrado*.

<sup>45</sup> Eduardo PAZ BARROSO, *Saveur de Porto*, Porto, Ed. l'Escampette, 2003, p. 140. A tradução é nossa.

<sup>46</sup> Miguel TORGA, *Portugal*, (trad., C. Cayron) Ed., José Corti, 1996, in Eduardo Paz BARROSO, *Saveur de Porto*, *op. cit.*, pp. 140-141. A tradução é nossa.



ideológicas, e sabendo que o sistema capitalista não pode tratar humanamente o proletariado sob pena de negar a si mesmo, ele declara-se, por meio da sua obra cíclica, contra as injustiças freqüentes na tradição feudal, e condena o poder absoluto detido pela nobreza e pela burguesia. António Ramos de Almeida concorda com esse empenho do romancista : *E os artistas começaram a descobrir a expressão estética da realidade. Vítimas dos grandes problemas da sua época, com a sua sensibilidade, a sua inteligência e o seu carácter abertos para a dureza da realidade[...]*<sup>47</sup>.

Alves Redol denuncia na sua trilogia um sistema espoliador que se perpetua de geração em geração, representado pelos grandes latifundiários, os especuladores e os comerciantes. Em conformidade com a trajetória estabelecida pelo Neo-Realismo, ele defende a restauração da justiça social através duma ação reivindicativa e coletiva dos trabalhadores. Aprovando esta forma da tomada de posição do escritor no coração das turbulências do seu tempo, Armando Ventura Ferreira diz :

*Á sociedade interessa a solução dos seus problemas vitais, dos seus problemas de subsistência, inadiáveis, como lhe interessam, também, os problemas literários e artísticos. Mas a literatura e a arte são, em última análise, um reflexo da sociedade, e como tal, seguirão os fluxos e refluxos do momento histórico. Ao homem do momento histórico agitado, convirá uma literatura e uma arte agitadas, em que dominem o esforço e a luta, em que dominem as forças épicas da vida, não o quietismo do lago ou o bucolismo dos campos, ou o formalismo absorvendo o tema, ou o individualismo esquecendo as ansiedades colectivas*<sup>48</sup>.

O ciclo *Port-Wine*, obra romanesca rica e complexa que nunca deixou de questionar a História de Portugal e as suas margens silênciosas, constitui um panorama da sociedade de vinho do Porto. Esta trilogia, perfeita exaltação das qualidades literárias do humanista Alves Redol, narra uma crise coletiva : a de um povo que luta pela sua sobrevivência, através da reconstrução do ambiente histórico fundado numa documentação precisa. Através da saga dos

<sup>47</sup> António Ramos de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 56. É nesse sentido que encontramos num texto de Campos Lima, falando implicitamente da verosimilhança, a seguinte reflexão : « O romance tem, pois, de ter uma base de realidade, ou, mesmo para os que se contentam com pouco, uma aparência de realidade. Isto quanto ao fundo, à história (observada ou inventada) que o romancista nos conta. Mas também quanto à maneira como no-la conta, e nisto consiste a arte do escritor ». Manuel Campos LIMA, « O que deve ser o romance ? », *O Diabo*, 174, Lisboa, 1938, p. 2.

<sup>48</sup> Armando Ventura FERREIRA, « A literatura, a arte e o momento histórico », in *Pensamento*, 145, Porto, 1940, p. 13.



Teimas, uma família cujo chefe, António, dedica um amor sem condição à terra, são postos em evidência : a incarnação de uma identidade regional, os sofrimentos e as obsessões, as revoltas e as esperanças dos pequenos vinhateiros do Douro.

Em perfeito acordo com o Neo-Realismo, um movimento literário e cultural de contrapoder durante a ditadura salazarista, e com a maneira como Alves Redol concebe a obra literária, esta obra cíclica revela a necessidade de promover o lado documentário e histórico do romance. A crise vitícola alto duriense do ciclo *Port-Wine*, em perfeita harmonia com os alicerces do materialismo dialético, conduz para novas formas de organizações sociais, para um mundo mais justo. Assim a obra cíclica de Alves Redol, enquanto “literatura missão” destinada a viabilizar objetivos sócio-económicos e ideológicos específicos, nos propõe uma alternativa, uma revolução das ideias pela magia das palavras, para o restabelecimento do amor dos valores universais.

## Bibliografia

BARROSO, Eduardo Paz, *Saveur de Porto*, Porto, Ed. l'Escampette, 2003.

BESSE, Maria-Graciete, *Alves Redol, o Espaço e o Discurso*, Lisboa, Ulmeiro, 1997, 150 p.

COSTA, António Luís da, *Alto Douro, Terra de Vinho e de Gente, A Vida Quotidiana Alto Duriense no Primeiro Terço do Século XX*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

DIOUF, Lucien Demba, *La crise viticole du Alto Douro (1907-1915), entre réalité sociale et discours idéologique dans le cycle Port-Wine d'Alves Redol*. Thèse de doctorat, Etudes Romanes : Portugais. Université Paul-Valéry – Montpellier III, 2010, 2 vol., 509 p.

FERREIRA, Armando Ventura, « A literatura, a arte e o momento histórico », in *Pensamento*, 145, Porto, 1940.

GOLDMANN, Lucien, *Pour une sociologie du roman*, Gallimard, Paris, 1970.



- LOPES, Óscar, « Alves Redol », in *Os Sinais e os Sentidos, Literatura Portuguesa do Séc. XX*, Lisboa, Caminho, 1986, pp. 55-66.
- LUKÁCS, Georges, *La théorie du roman*, Paris, Gonthier, 1970.
- MADELÉNAT, Daniel, *L'épopée*, Paris, PUF, 1986.
- MARINHO, Maria José, e REDOL, António Mota, *Alves Redol : Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Lisboa, Caminho, 2001.
- REDOL, Alves, *Horizonte Cerrado*, 1ª ed., Edições Cosmos, Lisbonne, 1949.
- REDOL, Alves, *Os Homens e As Sombras*, 4ª ed., Publicações Europa-América, Lisbonne, 1981.
- REDOL, Alves, *Porto Manso*, 3ª ed., Lisboa, Publicações Europa-América, Lisbonne, 1979.
- REDOL, Alves, *Vindima de Sangue*, 4ª ed., Europa-América, Lisbonne, 1980.
- REIS, Carlos, *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, Coimbra, Almedina, 1983, 685 p.
- RODRIGUES, Urbano Tavares « O Neo-Realismo geo-social, político e artístico », *Encontro Neo-Realismo, Reflexões sobre um Movimento – Perspectivas para um Museu*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1999.
- SALEMA, Álvaro, *Alves Redol, A Obra e o Homem* Arcádia, Lisbonne, 1980.
- SEARA NOVA, n° 962, Lisboa, 1946.
- SEARA NOVA, n° 1084, Lisboa, 1948.
- SÍNTESE, n° 5, Coimbra, 1940.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, *O Neo-Realismo Literário Português*, Moraes Editora, Lisbonne, 1977.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua Primeira Fase*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, *Os Romances de Alves Redol*, Lisbonne, Moraes Editores, 1979.
- VÉRTICE, n° 74, Outubro, 1949.
- VÉRTICE, n° 97, setembro, 1957.
- VÉRTICE, n° 258, março, 1965.





## Ilustrações

*O pintor deixou de ser o passivo indivíduo sentado perante a mesa onde o jornal, os frutos, o cachimbo parecem aguardar a norma calma do almoço familiar. A sua ansiedade não se dirige à harmonia entre formas belas e destituídas de significado, mas à construção do que deve possuir um sentido profundo – desceu à rua, misturou-se à multidão. E se repõe como fulcro da sua arte, da sua vida, o homem e a realidade, fá-lo porque os antigos ritos não o prendem : tem em fim uma missão a cumprir<sup>49</sup>.*

page

- 1 - Ilustração I- Foto de Alves Redol – Álvaro SALEMA, *Alves Redol, A Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1980. ----- 6
- 2 - Ilustração II- Primeira de cobertura da primeira edição de *Horizonte Cerrado*. ----- 11
- 3 - Ilustração III - Primeira de cobertura da primeira edição de *Os Homens e As Sombras*.-- 12
- 4 - Ilustração IV- Primeira de cobertura da primeira edição de *Vindima de Sangue*.----- 13

**Lucien DIOUF\***

### Resumo

A trilogia *Horizonte Cerrado, Os Homens e As Sombras e Vindima de Sangue*, compõe o ciclo *Port-Wine* de Alves Redol, pioneiro do Neo-Realismo português e um dos maiores romancistas da sua geração e da literatura portuguesa. Tais romances constituem o

<sup>49</sup> Júlio POMAR, *Ilustração e literatura neo-realista*, Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo, 2008, p. 155.

\* Bolseiro do Instituto Camões em 1998, aprofundou os seus conhecimentos em Língua, Literatura e Cultura (LLC) portuguesas na Faculdade de Letras de Lisboa. Graduou-se em Licenciatura, Mestrado e Diploma de Estudos Aprofundados (DEA) em Estudos Culturais : Mediterrâneos e Línguas Românicas pela Universidade Paul-Valéry Montpellier III – França, entre 2000 e 2003. Obteve também um Mestrado em Ciências da Informação e da Comunicação em 2004. Após anos de pesquisa em França e em Portugal, doutorou-se em Letras - Estudos Românicos, em junho de 2010, pela Universidade Paul-Valéry. A sua tese intitula-se : “A crise vitícola do Alto Douro (1907-1915) - entre realidade social e discurso ideológico no ciclo *Port-Wine* de Alves Redol”. Durante os seus estudos, ensinou a literatura portuguesa e deu palestras na Universidade Paul-Valéry. Publicou numerosos artigos e participou em vários colóquios nacionais e internacionais. Agora é professor de língua, literatura e cultura portuguesas no colégio Ampère em Oyonnax – França.

Revista Litteris

[www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br)

ISSN: 19837429

Março de 2014

N.13

Volume 1



corpus literário da minha análise crítica. Enquanto a maioria dos romances neo-realistas interessam-se pelo mundo rural do centro e do sul de Portugal, particularmente o Alentejo e o Ribatejo, uma preferência influenciada pela origem geográfica dos seus autores, o ciclo *Port-Wine* nos leva até ao norte do país, ao meio das montanhas xistosas das vinhas do Alto Douro. O interesse de Alves Redol pela região do Alto Douro – cuja economia é baseada principalmente na agricultura, e cujas diferenças sociais se relacionam essencialmente à posse da terra, e especificamente a uma das principais riquezas da região, o vinho – está no centro de sua trilogia. O ciclo *Port-Wine* põe assim em destaque, através duma rica substância literária, uma vasta área de análise da realidade humana que se articula globalmente em torno de diálogos entre as personagens na sua diferença, mas também de diálogos nos quais identificamos um processo histórico abordado pela visão estética neo-realista.

### Palavras-chave

Alves Redol ; Neo-Realismo ; ciclo *Port-Wine* ; crise vitícola do Alto Douro



## Résumé

La trilogie *Horizonte Cerrado, Os Homens e As Sombras* et *Vindima de Sangue*, compose le cycle *Port-Wine* d'Alves Redol. Cette oeuvre cyclique constitue le corpus littéraire de mon analyse critique. Alors que la plupart des romans néo-réalistes s'intéressent au monde rural, notamment à l'Alentejo et au Ribatejo, le cycle *Port-Wine* nous fait voyager jusqu'au milieu des montagnes schisteuses du vignoble du Alto Douro. L'intérêt d'Alves Redol pour la région du Haut-Douro, dont les différences sociales sont essentiellement liées à la possession de la terre et particulièrement à l'une des principales ressources de la région - le vin - est au centre de sa trilogie. Le cycle *Port-Wine* met ainsi en évidence, par le biais d'une riche substance littéraire, un vaste domaine d'analyse de la réalité humaine, s'articulant globalement autour de dialogues à travers lesquels nous identifions un processus historique évoqué dans son mouvement d'ensemble par la vision esthétique néo-réaliste.